

NICK RANDS

pinturas

Galeria Sotero Cosme

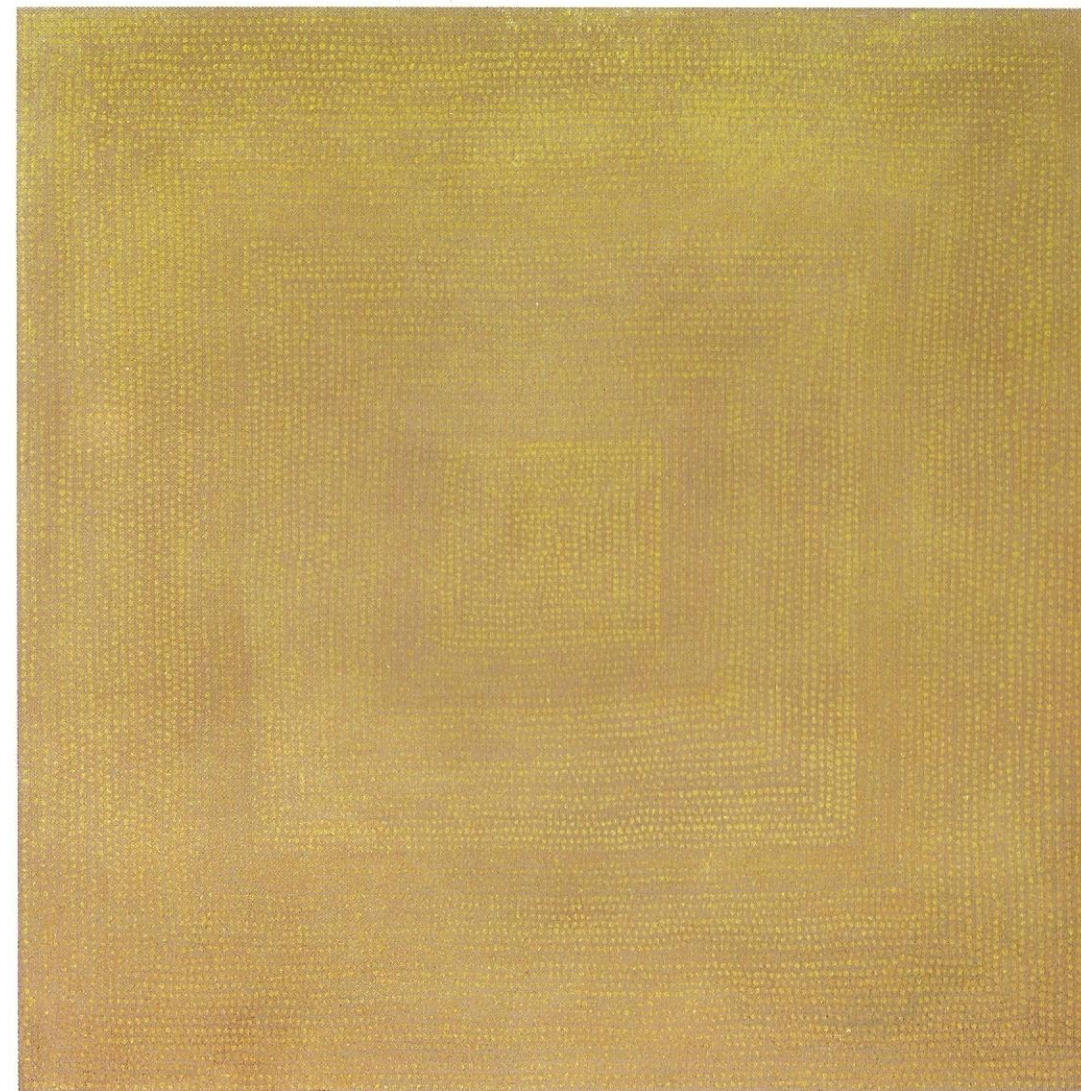
Casa de Cultura Mario Quintana
Rua dos Andradas 736, 6º andar
90020-004 Porto Alegre, RS
Brasil
Fone 2215900 r.261

Abertura:

10 de abril de 2001 às 19h

Visitação:

até 13 de maio de 2001
de terças a sextas, das 9h às 19h
sábados, domingos e feriados, das 12h às 19h



A CRIAÇÃO DE TERRITÓRIOS NAS PINTURAS DE NICK RANDS

Icleia Borsa Cattani

TRAVESSIAS

A pintura de Nick Rands é como uma travessia, na qual é necessário tomar decisões, ao iniciá-la e ao concluí-la. No começo: que gesto realizar, por onde inaugurar o processo de investimento do suporte. No final: o quê completar, o quê deixar tal como está. Escolhas. Já o meio do percurso é automático, um “processo cego”, no qual basta repetir o gesto inicial até a construção total da forma. Segundo o artista, é como velejar: no meio do trajeto, em pleno mar, o barco segue seu percurso. As decisões têm que ser tomadas ao partir e ao chegar. Não será assim que ocorre, em parte, no percurso mítico? Singrar mares sempre diversos – cada tela; tomar sempre novas decisões – o gesto inaugural; chegar, a cada vez, num porto que é e não é o mesmo, num destino final sempre renovado.

RITUAIS

Para Nick Rands, o gesto é como um ritual. Partindo de uma escolha inicial, este vai sendo repetido automaticamente, dentro de um ritmo regular, quase uma dança, que envolve todo o corpo. Corpo e mente dirigem-se a um objetivo único, o fazer – o gesto que se repete, uma e muitas vezes, investindo a tela de signos de passagem. Como nos rituais, corpo, mente, sentimentos ficam indissolavelmente ligados, unidos ao ritmo físico do gesto, mergulhados nas profundezas arcaicas do inconsciente. No entanto, tal como nos rituais, os gestos e seus efeitos são controlados. Contrariamente à emergência do inconsciente nos sonhos e nos atos falhos, a criação artística vive uma dualidade constante: o mergulho no fazer e o controle dos resultados mediante um distanciamento crítico. Se a *poiésis* da obra pode aproximar-se do automatismo de certos rituais, sua *poética* exige uma ação consciente e intencional do artista.

BARROS

O barro é o “corpo da terra”. É sempre o mesmo corpo, onde quer que se esteja, mas simultaneamente é sempre diverso: variam as cores, as texturas, o peso, a densidade. O artista trabalha há vários anos com esta matéria-prima, utilizando-a como pigmento na pintura nas quais trabalhou, inicialmente, com manchas criadas pelas mãos e simultaneamente, com linhas muito finas, feitas com pincel; atualmente, pinta com as extremidades dos dedos, criando pontos. O barro também foi por ele recentemente utilizado como corpo tridimensional quando realizou milhares de esferas, de diferentes tonalidades de barro, que expôs no chão, cobrindo geometricamente várias dezenas de metros quadrados (em Porto Alegre, no Torreão,



fig 1

em 1999, e na Inglaterra, em 1998-9, *fig 1*). O barro identifica diferentes espaços, atravessados ou vivenciados. São como “recordações de viagens”, com os quais o artista realiza, às vezes, inclusive, espécies de “diários”: pinturas ou bolas de barro com a identificação do local de proveniência e a data de sua passagem pelo mesmo. O corpo do artista relaciona-se diretamente com o corpo da terra, primeiro, ao arrancar, com suas próprias mãos, de diferentes lugares, a matéria-prima, e em segundo lugar, ao usá-la sem retoques, com sua cor, viscosidade, cheiro próprios, como material de suas obras. Material signifiante: usar terras brutas como pigmento não é o mesmo que empregar tintas industrializadas, do mesmo modo que criar esferas com um barro “impuro”, colhido diretamente em seu lugar de origem, difere do ato de comprar um pacote de argila limpa. Esse contato físico com a terra, esse corpo-a-corpo, é uma troca (pois o artista arranca a matéria mas, simbolicamente, a “devolve”, mediante seus trabalhos nos quais ela se encontra fisicamente presente, mas ressignificada).

O gesto de pintar com o dedo, fazendo o barro aderir ao suporte sob a forma de pontos, cria também cartografias, cujos significados só são em geral conhecidos pelo artista.

O barro, as cartografias, remetem às andanças, às errâncias pelo corpo da Terra; do mesmo modo, as marcas dos dedos, os tons terra remetem à arte primitiva e a um fazer físico, primordial.

DEDOS

Nick Rands utiliza os dedos, geralmente os indicadores, como instrumentos, substituindo o pincel. Mas, o dedo também é marca fundamental da identidade, pela existência da impressão digital. E o dedo, simultaneamente, indica, indica algo a alguém: geralmente, a uma outra pessoa que não aquela que realiza o gesto de indicação. Seu modo de pintar realiza um ato de indicação constante (pela repetição do gesto) e, ao mesmo tempo, cria uma marca individual (é o meu dedo, é o meu corpo que cria essa obra a partir de minhas marcas). O dedo implica o corpo, também, por toda a gestualidade e o movimento que a criação da obra envolve. Um engajamento de todo o ser, que dá a ver o que faz a outros seres – como toda obra de arte, que é feita em última instância, para o outro.

LIMITES

Nessas pinturas, realizadas com a ponta dos dedos indicadores das duas mãos e com gestos de demarcação de formas que envolvem todo o corpo (por exemplo, iniciar marcando com o indicador direito o alto esquerdo da tela, e com o esquerdo, a parte inferior direita, repetindo esse gesto até que as duas mãos – e as duas formas – se encontrem), vários limites são testados. Em primeiro lugar, os limites espaciais, o lugar que o corpo ocupa no espaço: as telas são geralmente de grandes dimensões, e o artista deve expandir seus gestos, abrir

amplamente os braços, para atingir suas bordas. Em segundo lugar, os limites de resistência do próprio indivíduo: o cansaço físico, provocado pelos gestos repetitivos que envolvem grande mobilidade, e ao mesmo tempo, o aborrecimento que surge da própria ação de repetir. Os limites obrigam a paradas, a recuos, durante os quais a obra em se fazendo é examinada com certo distanciamento. Os próprios limites, portanto, geram a crítica necessária à continuidade da obra.

TERRITÓRIOS

Nick Rands possui vocação migratória. Os limites espaciais (da tela, do espaço ocupado, mensurado) definem territórios pessoais do artista. O percurso simbólico, ao pintar, une-se ao espaço simbólico: eu estou aqui, ou eu passei por aqui. O gesto que imprime a tinta sobre a tela, simultaneamente cria a trajetória e delimita o território. Isso ficou evidente na pintura que realizou em 2000, na galeria Iberê Camargo da Usina do Gasômetro (SMC, Porto Alegre): uma única linha, criada pela impressão do dedo, à altura dos olhos, foi pintada diretamente sobre a parede da galeria, investindo inclusive a porta de vidro (fig 2). Essa espécie de “fechamento” do espaço lembra o percurso mítico, circular, de retorno às origens – mas um retorno que é sempre *outro*, diferenciado da partida. Do mesmo modo, as espirais, redondas ou quadrangulares, que o artista elabora em algumas obras, criam labirintos, às vezes quase invisíveis para quem não sabe que eles estão lá. Sua presença, no limite da visibilidade, cria vertigens onde o olhar se perde e se reencontra constantemente: como em percursos dos quais desconhecemos os caminhos e os desígnios.

Os territórios simbólicos da pintura são assim feitos: de vertigens, de névoas, de processos cegos, de abismos. Mas, eles criam novos mundos, que recriam nosso olhar e nossa percepção do que nos rodeia. Segundo Duchamp, são os espectadores que fazem o quadro; mas também, como o afirma Marc Jimenez, o quadro “faz” os espectadores. Ele cria novos territórios para o sensível, alarga os limites do nosso olhar e de nossa percepção, cria novos lugares. Do mesmo modo, nós o investimos de nossa mirada, que o ressignifica – nós o reterritorializamos, à medida de nossas utopias.

Porto Alegre, 2000

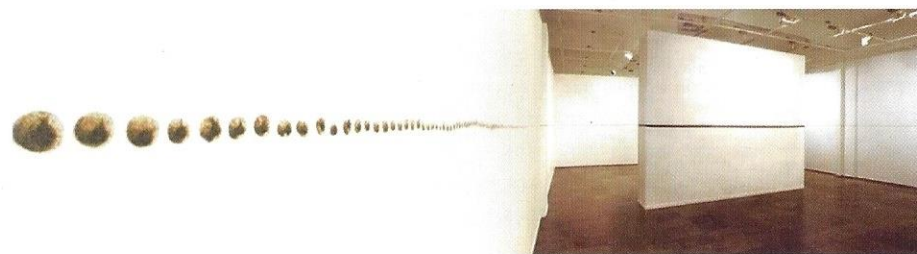
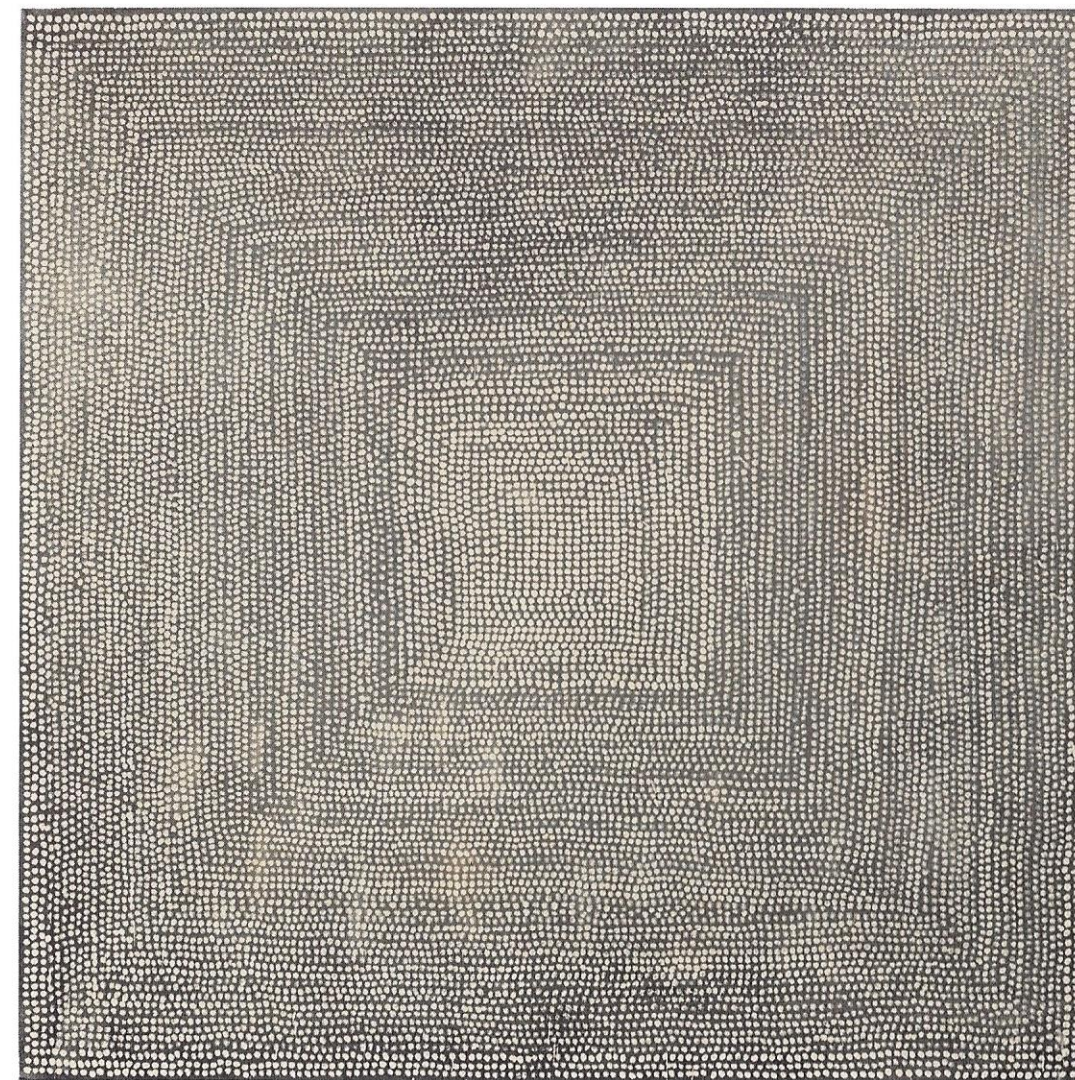
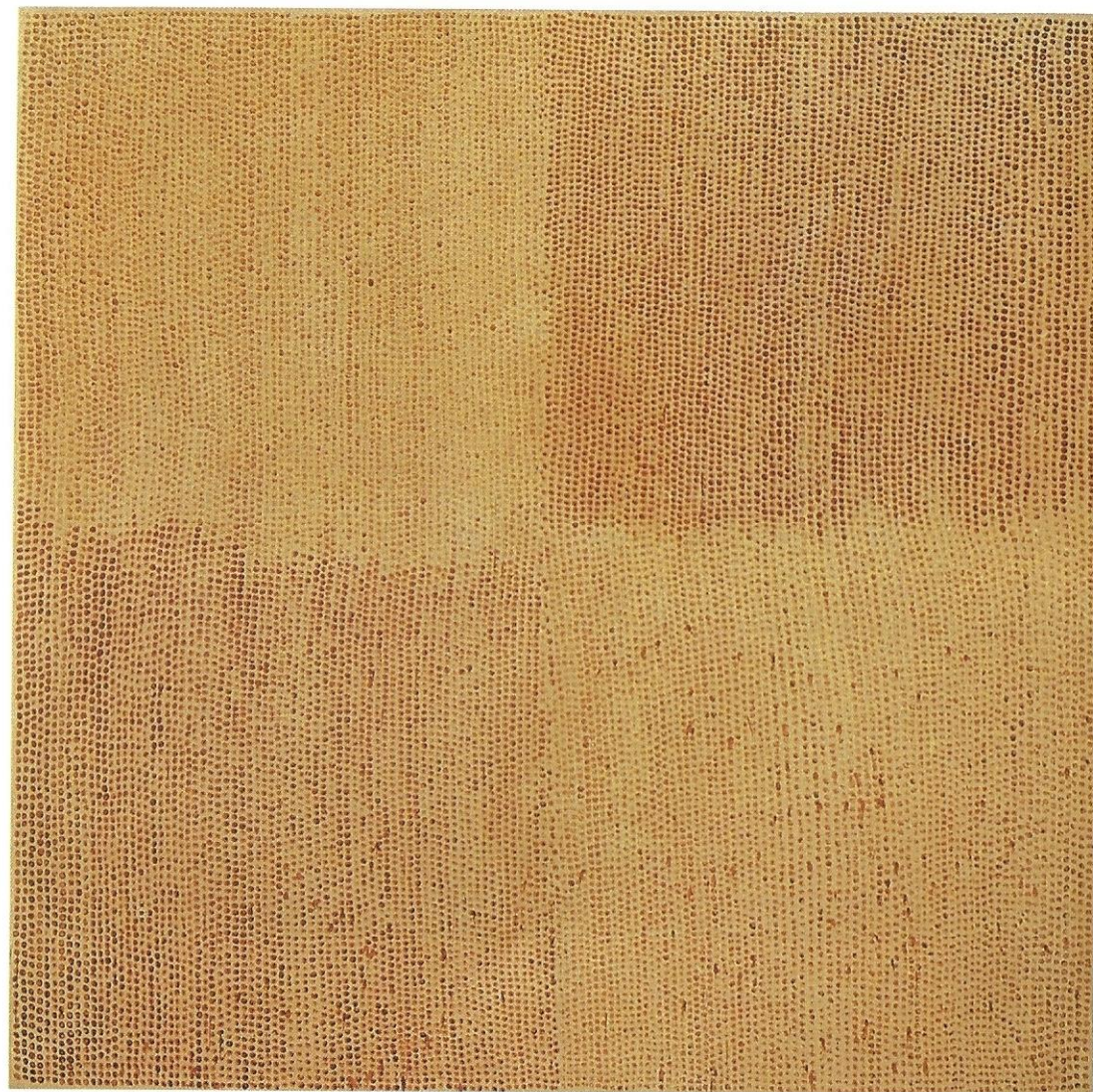
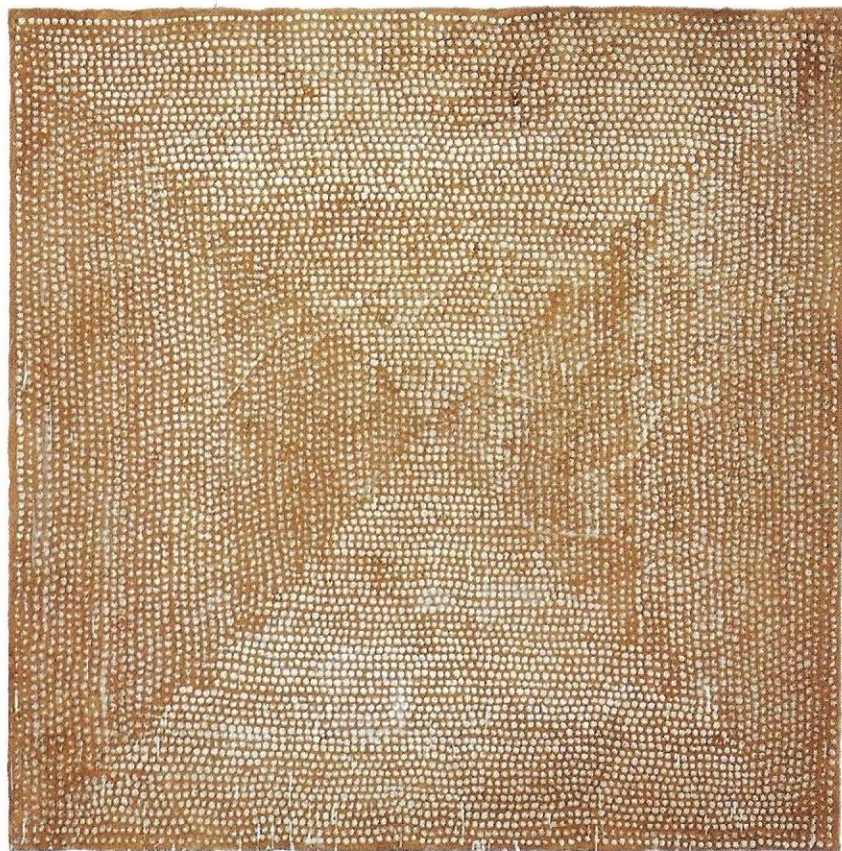
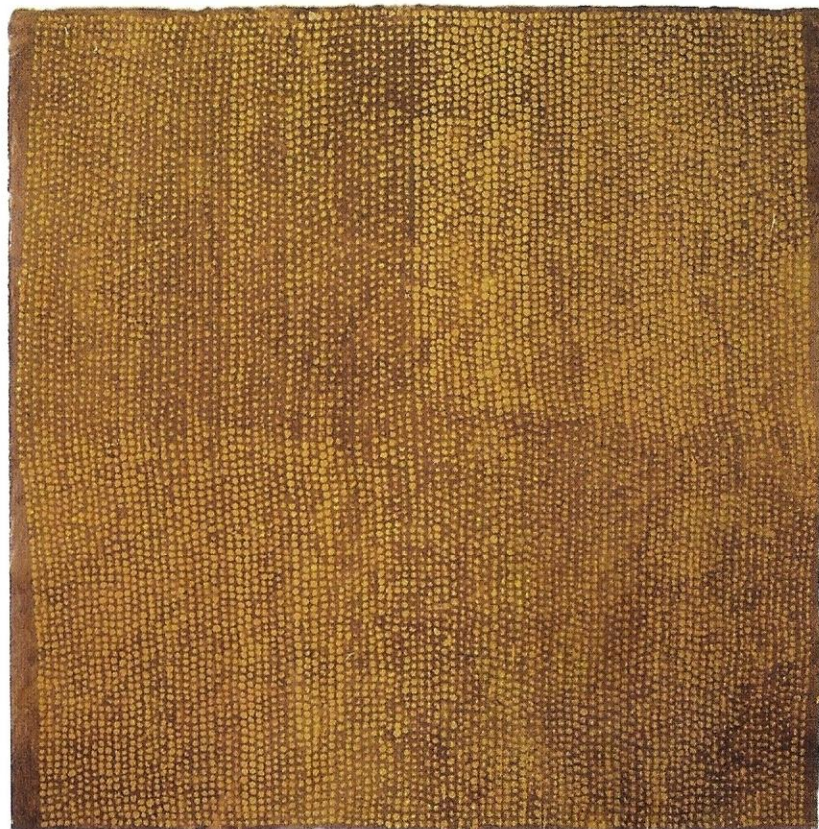


fig 2







Nick Rands nasceu na Inglaterra em 1955, estudou Artes Plásticas na University of Reading e Arte Educação na Bristol University. Em 1992 foi artista em residência no Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, com apoio do Southern Arts e do British Council. Reside em Porto Alegre desde 1999.

Suas exposições individuais mais recentes incluem: *Eye Levels*, Galeria Iberê Camargo, Usina do Gasômetro, Porto Alegre; *Pinacoteca da Feevale*, Novo Hamburgo, RS (2000); *Esferas Terrestres*, Torreão, Porto Alegre (1999); *Sowing the seed/Watching the Waves*, Windsor Arts Centre, Inglaterra; *Earthy Spheres*, Warehouse, Norwich, Inglaterra (1998); *Gallery in The Forest*, Grizedale, Cumbria, Inglaterra (1996); *Line by Line*, The Southern Arts Touring Exhibition Service (1993-6); e *Pinacoteca do Instituto de Artes*, UFRGS, Porto Alegre (1992).

Exposições coletivas incluem: *Bahzart*, Obra Aberta, Porto Alegre; *Il Salão de Porto Alegre*, Usina do Gasômetro, Porto Alegre (2000); *Chart*, Angel Row Gallery, Nottingham, Inglaterra; *Coletiva*, Obra Aberta, Porto Alegre (1999); *The Space of the Page*, Henry Moore Institute, Leeds, Inglaterra (1997); *Repetition*, The Southern Arts Touring Exhibition Service, e Nuova Icona, Veneza (1996-7); *Repeterere*, Solar dos Câmara, Porto Alegre Brazil (1993).

ilustrações:

- capa* **Travel Diary** (detalhe)
Barro sobre Papel, 14x12.5cm, 2000
- página 1* **Clockwise Spiral Painting 3**
Barro sobre tela, 196x196cm, 2000
- página 2* **Esferas Terrestres.**
Instalação de 3000 bolas de barro.
Torreão, Porto Alegre, 1999
- página 4* **Eye Levels.**
Instalação Galeria Iberê Camargo,
Porto Alegre, 2000
- página 5* **Inward Outward 2**
Barro sobre tela, 196x196cm, 2001
- página 6* **Yellow Cross**
Barro sobre papel, 130x130cm, 2000
- página 7* **1,2. Down Up, Up Down**
Barro sobre tela, 196x196cm, 2000
- página 8* **Chocolate and Gold**
Barro sobre papel, 130x130cm, 2000





Instituto
Estadual de
Artes
Visuais

GOVERNO DO RIO GRANDE DO SUL
Estado da Participação Popular

